

O português do século xv e o texto da *Vida e feitos de Júlio César*¹

Maria Helena Mira Mateus

Instituto de Linguística Teórica e Computacional

Faculdade de Letras de Lisboa

1. O texto

As características do vocalismo da língua portuguesa quatrocentista que saliento neste breve estudo estão presentes numa obra de que fiz a edição crítica há mais de trinta anos. A *Vida e Feitos de Júlio César* é uma tradução portuguesa de “Li Fet des Romains”, realizada na primeira metade do século xv. A obra francesa é uma compilação, em francês do século XIII, dos textos latinos através dos quais se conhece a vida de Júlio César. O lugar de *A Vida e Feitos de Júlio César* no conjunto das obras portuguesas contemporâneas merece ser destacado pela diversidade de vocabulário usado pelo autor, pelo evidente domínio da flexão morfológica e da construção sintáctica, pela notável estruturação do texto. O trabalho rigoroso e paciente a que me obrigou a realização da edição permitiu-me enriquecer, com inúmeros exemplos, o conhecimento do português do século xv tanto nas conjecturas sobre aspectos da pronúncia como na datação da entrada na língua de certos vocábulos.

Mas outros motivos nos levam a apreciar a obra, e não só como repositório de características linguísticas. O trabalhar durante muitos anos sobre um texto que descreve a vida e a personalidade de Júlio César provocou-me uma espécie de admiração amorosa por esse homem que era ao mesmo tempo um ditador frio e um amante apaixonado, um escritor criterioso e um manipulador de opiniões, um político astuto e um magnífico orador.

A riquíssima personalidade de Júlio César – na minha opinião uma das personagens mais notáveis de todos os tempos – levou-o a entregar-se a múltiplas actividades que foram descritas pelos biógrafos e estão presentes na obra a que me reporto. Mas neste

¹ A parte deste texto consagrada ao vocalismo foi já apresentada num artigo publicado no Brasil em homenagem a Jacyra Mota.

drama outras personagens tomam parte além de César: Pompeu e a sua mulher Cornélia, Catão e a sua mulher Márcia, a bela Cleópatra, os valentes generais romanos, os intrépidos guerreiros gauleses, os conselheiros do ditador Júlio César, as mulheres que ele amou.

A história do manuscrito português é hoje ainda um mistério, e o seu autor, um desconhecido. Sabe-se que o manuscrito pertencia à biblioteca de um neto de D. João I, o Condestável D. Pedro que foi rei de Aragão durante alguns anos. A sua biblioteca foi inventariada na época da sua morte, em 1466, e a descrição de uma obra intitulada *Suetonyo de vida de Júlio Cesar* permite identificá-la como sendo o manuscrito da *Vida e Feitos de Júlio César* que hoje se encontra no Escorial. Esse manuscrito trouxe até nós o conhecimento, não só dos interesses culturais da época, mas também de aspectos menos divulgados da língua portuguesa do século XV em virtude dos campos semânticos que integra e, portanto, de um vocabulário que se distribui por numerosos domínios lexicográficos. A segunda edição da obra, presentemente no prelo, foi completada com um novo volume constituído basicamente pelo glossário exaustivo das palavras ocorrentes e de todas as formas flexionais.

Uma análise lexicográfica, ainda que superficial, permite-nos descobrir conjuntos de termos que merecem uma referência especial. Alguns são importações directas do francês (como *deessa*, *varlete*, *crido* e *cridar* - 'crier', *adreiro* - 'adroit', *lix* do francês 'lis', um engenho de guerra, *tortua* - 'tortue, tartaruga'). Outros são verdadeiras invenções decorrentes de uma má interpretação do que estava escrito no manuscrito original (*tirqui* que traduz *tousique*, uma espécie de veneno; *dipse* em lugar de *aspe*, uma serpente; *bulgues* por *busfles*, búfalo). Outros termos ainda, os mais interessantes, não estão atestados nos dicionários e pode considerar-se que não sobreviveram. Tomemos como exemplo *conhocente* em lugar de 'conhecido', *cortadura* em vez de 'corte', *emburilhar* por 'embrulhar', *descerdo* em vez de 'sem cerco', *antreconhecer-se* em lugar de 'conhecer-se reciprocamente', *duçor* por 'doçura', *acuitelar* como 'ferir com cuitelo', *antredito* em vez de 'interdito'.

Acrescente-se que certas palavras que surgem na *Vida e Feitos* são referidas nos dicionários como tendo sido integradas na língua portuguesa numa época posterior ao século XV. Veja-se *artéria*, *entanguecer*, *fumigar*, *desalojar*, *dureza*, *lagrimejar*, *liça*,

minar, moonstro, multiplicador, nervudo, palavras a que se atribui o século XVI como data da primeira atestação nos dicionários etimológicos.

O conhecimento profundo das duas línguas que possuía o tradutor permitiu-lhe utilizar um vocabulário específico para cada domínio semântico. A guerra está omnipresente em dois terços da obra. Não é de estranhar, portanto, que se encontrem múltiplos termos para denominar os engenhos de guerra: *aguilhões, andaimos, arcos, artificios, beestas, bisarmas, brandões d'enxufre, caramanchões, cepos, dardos, engenhos, escalas, escorpiom, espadas, estacas, fachas, fogo grego, fortalezas, fouces roçadoiras, frechas, fundas, gatas, lanças, lix, maços, moos, palanque, pedra, picões d'aceiro, seetas, torre, vaivem, viga, viratões* e porventura ainda outros. No glossário em curso de publicação todos estes vocábulos estão localizados e contextualizados.

Para descrever uma realidade inteiramente diferente, as serpentes que aterrorizaram os soldados de Catão durante a sua travessia do deserto, o autor da obra utiliza palavras conhecidas até hoje, como *escorpiões, basiliscos, coobras, serpentes* e *dragões*, outras menos conhecidas como *jaculus* (jáculos), *aspes* (áspide) e *sepes* (latim *seps*), e outras simplesmente fantasiosas como *chiluidres* (*chelydrus*), *asibenes* (*amphisbènes*) ou *esmoris* (*haemorrhais*).

Antes de iniciar o tratamento de um assunto um pouco mais árido – algumas observações sobre o vocalismo português do século XV – não resisto à tentação de transcrever a comovedora descrição da separação de Pompeu e da sua mulher Cornélia antes da partida do general para a batalha de Farsália. É sem dúvida um belo diálogo de amor conjugal mas transmite, sobretudo, a tristeza do adeus, uma fugaz esperança de um futuro encontro e, ao mesmo tempo, a premonição da derrota e da morte.

"E h ã a noite jaziam na cama e Cornelia abraçou seu marido e quise-o beijar. E quando ajuntou a sua face com a de seu marido, sentio que as lagrimas lhe corriam dos olhos; empero nom lhe ousou perguntar por quê. Empero bem cuidou que ele nom tiinha o coração aa sua vontade.

- Boa irmã - disse Pompeio - o dia vem em que nos convem departir e viver alongados ataa que a batalha seja feita. E eu hei tanto tardado que Cesar me tem em pouco, e a mim parece muito quando me hei a partir de ti. E eu cuido mais ligeiramente vencer

Cesar, agora que ele tem toda sua gente, que da primeira que nom tiinha mais que hũa parte. Mais o teu amor me detiinha e agora te enviarei a Mitelena, onde estês segura, e nom me rogues por ficar que assim convem que seja. Tu serás longe de mim polas aventuras que podem viinr. Fortuna torna asinha hũũ alto homem de alto a baixo, e nom convem que tu vejas meu perigoo; e se o ouvires sem o veer, bem te podes sofrer.

Eu vejo que tu nom me amas se te nom afastas de meu nojo. E, aalem desto, vergonha he que nós somos acerca da batalha e eu dormo cada noite com minha molher. (...)

Quando ela ouvio estas novas ouve tam grande pesar que pasmou. E des que tornou em seu acordo, disse:

- Oo Pompeo, eu vejo bem como esto he. Eu nom me devo queixar dos deoses nem de fortuna, ca eles nom me partem de ti; mais tu meesmo me departes e eu de ti me queixo! A morte nos devia departir; tu nos departes na vida. Ora sou eu a mais desaventurada que nehũa outra. Nom he custume que os pobres homẽes levem suas molheres em batalha; e tu me queres leixar, fazendo de ti pobre. E se nós nos partimos assi, Cesar, nosso imiigo, será muito ledó.

Cuidas tu que eu poderei seer segura em quanto tu estiveres em perigoo? Nom praz a Deus. Nom sabes tu que nossa morte e nossa vida pende em hũũ fio? Se tu has bem, eu averei bem, e assi polo contrairo.

Cuidas tu que, se tu morreres, que eu queira mais viver? Deus me guarde. Eu te seguirei em quanto viveres e doutra guisa nom me convem viver, que ja mais nom averei prazer depois que tu morreres. (...)

Hũa cousa te rogo, em fim: que, se fores vencido, que nom fugas pera honde eu estiver, ca hi te devem buscar com razom. Eu nom queria seer cajam de teu perigoo.

E despois que disse esto, saio da cama como molher fora de siso e disse que se hiria muito contra sua voontade; e nom quis sofrer que Pompeio a abraçasse nem beijasse. E começaram ambos a chorar tanto que apenas podia dizer hũũ ao outro "A Deus vos acomendo". Nunca virom tam triste dia em toda sua vida como aquele. Todalas outras tristezas passadas lhe esquecerom por aquela.

A gente de Pompeio a levou nos braços ataa naao, ca ela nom se podia teer. E nom lhe pesou tanto quando leixou sua terra, com medo de Cesar, por que levava consigo Pompeio.

Aquela noite primeira dormio soo e sentio mui grande pena, como quem o nom avia em custume. Sospirava e acordava ameude e lançava os braços cuidando a abraçar sua senhor, e achava o leito vazio. Quando lhe nembrava ficava muito triste e leixava-lhe sua parte, assi como se ela ali jouvesse, com esperança de a recobrar".

Vida e Feitos de Júlio César, III, 10, § 18-20

2. As vogais

A contribuição que a *Vida e Feitos de Júlio César* pode trazer para o estabelecimento do sistema vocálico da língua portuguesa no século XV deve-se à extensão da obra e à alternância da representação gráfica das vogais em diferentes ocorrências da mesma palavra, alternância que torna possíveis certas observações sobre a fonologia da língua. O objectivo da presente análise é simplesmente descritivo e não pretende reportar-se a uma teoria fonológica. Os dados foram colhidos no glossário exaustivo da obra, realizado a partir do texto editado e presentemenete no prelo como foi dito.. Considero conveniente introduzir aqui algumas notas relativas às normas de transcrição adoptadas na edição crítica do texto e que têm interesse para esta análise.

conservei as duplas grafias de todas as vogais, quer etimológicas quer não etimológicas; introduzi alguns diacríticos para marcar a sílaba acentuada, quando a palavra podia confundir-se com uma sua homógrafa, nomeadamente nas formas verbais de futuro vs. mais que perfeito;

mantiye o til do manuscrito como indicação de nasalidade sobre duas vogais, embora graficamente apenas se sobreponha a uma delas (*romãao*, *hũa*); nos outros casos substitui-o por *m* ou *n* segundo as regras da ortografia actual e normalizei, segundo as mesmas regras, a utilização destas duas consoantes; em fim de palavra a nasalidade está indicada por <m> quando há um til sobre uma única vogal²

² Todas as substituições efectuadas estão exemplificadas em outros pontos do manuscrito.

2.1. As vogais átonas

A história das vogais átonas da língua portuguesa do século XV deu lugar a uma extensa bibliografia, podendo mesmo dizer-se que a discussão ainda não terminou sobretudo no que respeita a [e] e [o] tanto em posição medial como final

Thomas Hart (1957) e Herculano de Carvalho (1962), apoiados em argumentos que tomam em conta principalmente as variedades dialectais e os crioulos de base portuguesa, afirmam que, no fim de palavra, os fonemas /e/ e /o/ eram realizados como [i] e [u] “mais ou menos bem definidos”. Herculano de Carvalho fala de uma certa oscilação entre as vogais [e, i] e as vogais [o, u], e acrescenta que esta oscilação poderia ter causas dialectais ou idiolectais.

A ortografia é um meio, entre outros, que permite o estudo da pronúncia, mesmo que se aceite a afirmação de Herculano de Carvalho sobre a preocupação do escritor (muitas vezes, copista) em seguir a sua própria doutrina (as regras da ortografia). Esta preocupação levou H. de Carvalho a considerar que as letras <e> e <o> representavam as realizações [i] e [u] átonos finais de *alface* e *ensino*, enquanto *i* e *u* serviam para representar as acentuadas [í]e[ú] de *tiro* e *fujó*.

Opinião diferente têm Révah (1959) e Naro (1971), como o faz notar Ana Maria Martins. Estes autores afirmam que, no século XVI, as átonas finais seriam pronunciadas como [e] e [o]. Ainda que estes autores se apoiem sobre dados da geografia linguística e sobre descrições de gramáticos, as conclusões de Révah foram contestadas por Herculano de Carvalho, e as de Naro, por Ana Maria Martins (1985).

A alternância de grafias que se encontra em textos como a *Vida e Feitos de Júlio César* podem servir como apoio para reforçar os argumentos apresentados pelos vários linguistas. Com o fim de contribuir para um novo estudo da questão, fiz um levantamento, no glossário do texto, de todas as duplas grafias que dizem respeito às vogais átonas, correspondendo às letras <e, i, o, u>. Começamos pelas vogais finais:

Como acontece nos textos da mesma época, não há alternância entre as letras <e> / <i> precedidas de consoante e em posição final, ou seja, ou se utiliza o <e>, ou, para certas formas verbais, usa-se o <i>. Pelo contrário com numerosas palavras terminadas em <o> verifica-se uma alternância. Assim encontra-se *muito* a par de *mitus*, *spiritus*, *regnus* (plural) e *terramotus*. Parece-me difícil de admitir que uma grafia com <u> final

represente a vogal média [o], mesmo que se trate de uma vogal muito fechada, visto que isso permitiria atribuir excepcionalmente a este grafema um valor fonético, dado que a grafia tradicional para representar o [u] átono, mantida até ao presente é um <o>. Poderíamos simplesmente questionar-nos, como faz Ana Maria Martins, sobre a causa da enorme preponderância das grafias <o> e <e> para as respectivas vogais átonas, nos textos portugueses desde o século XIII até aos nossos dias.

Em posição medial, entre consoantes, o texto da *Vida e Feitos* apresenta também numerosas grafias duplas para as átonas <o> e <u>. Vejamos os seguintes exemplos: *emborilhar / emburilhar, dovidoso / duvidoso, bolir / bulir, escorpiom / escurpiom, comprir / cumprir, escoridade / escuridade, encoberto / encuberto, cobrir / cubrir (e cuberto, cubertor, cubertura), costume / custume (e costumado, costumadamente), descobrir / descubrir, fogir / fugir, floresta / fruesta, sopitaneamente / supitaneamente, sobitamente / subitamente, sogeiçom / subjeiçom, sobir / subir, sojugar / sujugar.*

Poder-se-ia deduzir desta oscilação que a pronúncia da vogal era já tão fechada que não se distinguiam os [u] etimológicos dos não etimológicos como sucede hoje em português europeu?. Seria explicável assim a grafia <o> em palavras como *sospirar* ou *sosteer* em que o [u] é etimológico? Em todo o caso os dados das variedades brasileira e africana da língua portuguesa, no que diz respeito às vogais átonas não finais, torna difícil acreditar que no século XV o grafema <o>, nos exemplos apresentados, correspondesse a um claro [u] como no português europeu.

A oscilação entre <e> e <i> interconsonânticos é muito visível embora não ocorra em final de palavra. Os exemplos são numerosos e este texto apenas acrescenta alguns dados a factos que são bem conhecidos dos historiadores da língua. Eis os que inventariei numa primeira aproximação: *advinhador / adivinhador, estrebeira / estribeira, apaceficar / apacificar, arteficio / artificio, carneceiro / carniceiro, celiarce / ciliarce (magistrado), dezer / dizer, fegura / figura, degnidade / dignidade, deleitoso / dileitoso, dereito / direito, derribado / dirribado, guarnecido / guarnicido, devisado / divisado (mostrado), edeficios / hedifícios, especial / espicial, testemunho / testemunho, trencheira / trincheira, vestidura / vistidura, vertude / virtude, vever / viver, retenir / retinir, segnificança / significança, sesudo / sisudo, predestinar / predistinar, princepe / principe, preguiçoso / prigiçoso, pretoraira / pritoraira (do pretor).*

A análise da ocorrência de <e> / <i> em contexto de vogal merece uma outra observação: enquanto para <u> / <o> não há dupla grafia, <e> e <i>, representando a semivogal de um ditongo alternam em *adeante / adiante, geolho / giolho, deessa / diesa, preetesia / preitesia* (pact), *queexume / queixume, feeticeiro / feiticeiro*. Mais interessante ainda é a grafia <eei> para representar o ditongo [ei] das formas verbais da segunda pessoa do plural, como em *devieeis, deverieeis, poderieeis, querieeis, fazieeis, terrieeis, fosseis*, a par de outras formas em que o ditongo é representado por dois <ee> *tinhees, trabalhees, trabalharees, vencerees, veriees*. A letra <i> que toma o lugar da semivogal está em perfeita contradição com a normalização aconselhada por Fernão de Oliveira. Segundo este gramático, "em lugar de *i* pequeno serve *e* pequeno, como *memórea, hóstea, necessário, reverência*, nas penúltimas das quaes partes e outras semelhantes eu nunca escreveria com *i* senão *e*, porque eu tenho que a penúltima pura ou última qualquer que se escreve com *i* sempre tem o acento da dição". Conquanto este conselho se refira à sílaba final, compreende-se que Oliveira reservava o <i> para a sílaba tónica.

A propósito da segunda pessoa do plural, deve notar-se ainda que, se Williams encontrou umas vinte formas com <d> intervocálico num texto do início do século XV, apesar da sua convicção de que a consoante já não seria pronunciada nessa época, na *Vida e Feitos de Júlio César* este <d> desapareceu completamente nas formas verbais. Mas se os ditongos que resultam da sequência de duas vogais etimológicas deixam o seu rasto na ortografia, a ditongação que destrói o hiato provocado pela queda de uma consoante entre duas vogais não se encontra ainda marcada graficamente. É o que sucede em *aldea, area, avea, cadea, feamente, correa*.

A alternância entre *e / o* em que o <o> substitui o <e> etimológico em palavras como *dozoito* (em vez de *dezoito*) é claramente uma assimilação provocada pelo facto de a sílaba que contém o <e> preceder (ou seguir) uma outra com um <o>. Este é o caso de *empeçoentado / empoçoentado, conhecer / conhocer, conhecimento / conhocimento, sepultura / sopultura, preposito / proposito, profundo / profundo*.

Uma última nota relativa à regularização das categorias gramaticais que está em curso durante o século XV: certas palavras masculinas terminadas em <e> têm uma grafia alternante com um <o> o que, creio, é um caso raro nos textos contemporâneos. Veja-se

as seguintes formas: *combate / combato, debate / debato, ediles / edilos, talento / talento, patrice, / patricio.*

2.2. As vogais nasais

No que respeita às nasais, a alternância gráfica entre <am> e <om> em sílaba final, acentuada ou átona, encontra-se ao longo de todo o texto e incide quer sobre as formas nominais, quer sobre as formas verbais – à excepção das terceiras pessoas do plural do Presente e do Imperfeito do Indicativo que terminam sempre por <am>. Eis alguns exemplos: *cajam / cajom, caramancham / caramanchom, centuriam / centuriom, tendilham / tendilhom, senam / senom, dom / dam, dragom / dragam, entom / entam*, e também *salvaçom, solorgiam, padrom, procissom, pendom, pregom, perdom, aguilhom, alçapam, coração, perderom* (pretérito perfeito e mais-que-perfeito) / *perderóm* (futuro), *morrerám, partirám, poderám.*

A par destas formas, existem outras em que o ditongo nasal é marcado pelo til. Trata-se, no entanto, exclusivamente de sílabas acentuadas em que a vogal é representada por um duplo grafema seguido por outro grafema vocálico que pode ser interpretado como a semivogal, tanto mais que se considera que a formação destes ditongos ocorreu durante o século XIV e no início do século XV. A alternância entre <ãão> e <õe> é visível como em muitos textos da época: *anciãão, degrãão, pagãão, vãão, verãão, vilãão, sãão, serãão, sezãão, vermelhidõe, servidõe, regidõe* (rigidez), *veaçõões* (actividades de caça), *torvõões, picõões, peõões.*

3. Conclusão

Não existem sobre estes assuntos conclusões definitivas. O que pode fazer-se – o que tentei fazer – é acrescentar alguns dados a partir da escrita para reforçar os argumentos dos autores que se dedicaram a tratar a forma como se falava no tempo em que ainda não existiam gravadores que registassem a fala e tudo passava através do texto escrito. Quero também render a minha homenagem a esses longínquos copistas que nos transmitiram, a seu modo, a constante dialéctica entre variação e normalização que é algo que se encontra no coração de todas as línguas vivas.

4. Bibliografia

CARVALHO, J. Brandão de (1989). L'origine de la terminaison -ão du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 105, 1/2, pp. 148-161.

CARVALHO, J. Herculano de (1962). Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*, XII, pp. 17-39 (Réed. dans *Estudos Linguísticos*, II, Coimbra: Coimbra Editora, 2e. édition, 1984, pp. 77-103).

HART, Th. (1957). The overseas dialects as sources for the history of Portuguese pronunciation. *Word*, 11, pp. 404-415.

MARTINS, Ana Maria (1985). *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de D. Afonso II (1214)*. Lisboa: Faculdade de Letras. Não publicado.

MATEUS, Maria Helena Mira (1968). La traduction portugaise inédite de *Li Fet des Romains*. Actas do XI. *Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica*, Madrid (1965), pp. 765-775.

MATEUS, Maria Helena Mira (1970). *Vida e Feitos de Júlio César*. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de *Li Fet des Romains*. Lisboa: Fundação Gulbenkian (segunda edição no prelo).

MATEUS, Maria Helena Mira (1983). Uma fonte francesa da cultura portuguesa no século XV. Actas du Colóquio sobre *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 59-65.

MATEUS, M. H. Mira (1974-88). Glossário da *Vida e Feitos de Júlio César* (Letras A a S). *Boletim de Filologia*, XXIII - XXXII.

NARO, A. (1971). The history of *e* and *o* in Portuguese: A study in linguistic drift. *Language*, 47, pp. 615-45 (Trad. port. par L. Campos & K. Santos: A história do *e* e do *o* em português - um estudo de deriva linguística. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 9-51).

NASCIMENTO, Aires do (1993). As livrarias dos príncipes de Avis. *Biblos*, 69, pp.265-287.

OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Gramática da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa. (3ª edição por R. de Sá Nogueira, Lisboa, 1936).

RÉVAH, I. S. (1959). Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIe. - XVIIe. siècles?. *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, I (Lisboa), pp. 261-272.

TEYSSIER, P. (1966). La prononciation des voyelles portugaises au XVIe siècle d'après le système orthographique de João de Barros. *Annali dell'Istituto Universitario Orientale, sezione romanze*, VIII, pp. 127-198.

WILLIAMS, E. B. (1938). *From Latin to Portuguese: historical phonology and morphology of the Portuguese language*. Philadelphia: University of Pennsylvania. (Trad. port. par A. Houaiss: *Do Latim ao Português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MECIINL, 1961).